



VILA VERDE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

Composto e Impresso
Escola Tipográfica da Oficina de S. José
Rua do Raio Telefone 22634 BRAGA

ÚNICO JORNAL DO CONCELHO DE VILA VERDE

AVENÇA

PROPRIEDADE: Confraria de Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Severino Pereira Fernandes	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO HORÁRIO: Das 13 às 19 horas Vila de Prado — PRADO — Telef. 92123
--	--	---

AMAMOS O PAPA...

«Louvado Deus que tudo se reduziu a exageros de interpretação publicitária», disse o senhor Presidente do Conselho a propósito da «audiência» aos chefes terroristas pelo Papa, chefe da cristandade.

É pena que a imprensa não esteja preparada para distinguir o Papa, chefe da Cristandade, do Papa, Chefe de Estado do Vaticano, em cuja qualidade mantém relações diplomáticas com vários Estados.

A notícia foi publicada em «termos de escândalo» esquecendo — querendo ignorar — que tem sido norma do Papa toda uma abertura da Igreja que está em diálogo com o mundo.

«A audiência concedida discretamente na sala dos paramentos não teve qualquer significado político» e «nenhuma palavra foi dita que pudesse significar ofensa a Portugal, menos atenção pela sua dignidade, juízo sobre a sua política, interferência nos seus assuntos internos».

Por esta razão, a Santa Sé estranha o nosso protesto formulado. Também nós não nos podemos meter nos assuntos internos doutros Estados. Para quê tanto chinfrim?

Um jornal das «direitas» escrevia em editorial: «Insólido — foi a palavra que logo percorreu todo o espaço onde vivem 600 milhões de católicos... Uma coisa para nós é tida como certa: — Deus não aprovará, nunca este acto. Esta audiência — digámo-lo mesmo — não pode ser de um Homem que se decidira, por voto, a entregar-se apenas a Deus. Pode sê-lo de fâmulos ou arreceiros, malquistados conosco, ou hábeis na função da palacega de angariar fundos».

Não compreendemos como se pode chegar a esta posição ridícula, estúpida, julgante os actos e as pessoas sem se conhecer a verdade, confessando ao mesmo tempo, como faz o articulista para ser mais insólida a posição tomada (malcriadez!) que «toca-nos ainda a esperança de que tudo se esclarecerá para honra de ambas as partes».

Não sei o que se passou com os católicos das outras nações, mas os católicos portugueses não acharam «insólida» essa audiência, pelo menos é o que se apercebe através dos jornais católicos e das centenas dos jornais regionais que são a autêntica voz do povo e que souberam tomar uma posição digna do momento.

Nós amamos o Papa e somos pela abertura da igreja que, como Cristo, até recebe os «pecadores». Mas o facto mais estranho é que não se tenha uma palavra de reprovação para o governo italiano que abriu as portas de Roma ao M.P.L.A., à Frelino e ao P.A.I.G.C. para vociferar contra Portugal, contra a N.A.T.O. e contra, de modo geral, os países ditos imperialistas. O nosso País dedica

(Continua na 4.ª página)

A Electricidade no Concelho de Vila Verde

As burocracias estaduais estão a demorar um assunto grave

Há pouco, estivemos no gabinete do senhor Presidente da Câmara, senhor Fausto Feio Soares de Azevedo, a fim de pedirmos informações sobre o estado da questão

de fornecimento e de transformação da electricidade no Concelho de Vila Verde.

Estava também presente o Secretário da Câmara, senhor Abel da

Silva Gama, que sempre tem sido um elemento precioso interessado no progresso do Concelho, de quem é filho.

Declarou o senhor Presidente para o nosso jornal que o assunto da entrega da concessão a uma Companhia dependia apenas da aprovação das condições da Entidade Superior do Estado. Disse-nos que a Câmara dispensa tudo com a Entidade Concessionária, de modo que, uma vez obtida a concordância estadual, em pouco tempo, tudo se modificaria.

Essa Companhia, que é a Chenope, em poucos dias estabelece uma rede de fornecimento, que modificará as actuais condições precárias do Concelho de Vila Verde. Possui uma rede de fornecimentos de alta tensão, nos pontos nevrálgicos do Concelho, de modo que é questão de ligações rápidas.

Na nossa presença pôs-se em comunicação com a Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos. Foi-lhe respondido que o assunto estava a ser estudado e que dentro em breve seria remetido o parecer à Câmara.

Na penúltima sessão Camarária foi recebido esse parecer que envolve diversas questões.

A burocracia do Estado é precisa e é um auxiliar das Câmaras, para que, em assunto de tal relevância, não se cometam erros fatais. Mas traz complicações e demoras que podem trazer graves consequências.

O fornecimento ao Concelho é feito em tal capacidade, que quemando-se o transformador da Ponte do Bico, o que pode dar-se, de um momento para outro, não existem unidades que o substituam. O Concelho pode ficar sem energia eléctrica durante mais de um mês.

Estamos no período das regas. A corrente actual não move os motores de rega, nem dá possibilidades às pequenas unidades fabris existentes, nem a novas instalações. Suplicamos ao Estado e à Companhia concessionária que resolvam rapidamente os assuntos pendentes.

O assunto não permite delongas. Assim não pode haver progresso no Concelho rural. Continuará o êxodo da população que ainda nos resta.

Temos no Concelho, uma pleiada que luta pelo progresso desta terra, com a sua Câmara Municipal. Não façam mais dificuldades à nossa edilidade na solução deste problema tão grave e tão urgente. Caso contrário vem o desânimo e a descrença.

Sem desesperar dos homens

Paulo VI fundamenta a sua esperança acima de tudo, na acção de Deus

Paulo VI disse que talvez Deus tenha permitido os problemas existentes hoje no Mundo, para lembrar aos homens os seus deveres religiosos.

Falando aos peregrinos reunidos na Praça de S. Pedro, para receberem a tradicional bênção dominical, o Papa disse:

«Como podemos fechar os nossos olhos àquilo que está a acontecer no Mundo, aos deveres da nossa sociedade, ao equi-

librio necessário para o progresso e a paz? Graves ameaças apresentam-se, misturadas com belas esperanças. Nada podemos fazer, contra umas ou a favor das outras, sem o auxílio de Deus. E, provavelmente, Deus permitiu que todas estas tensões se verificassem, precisamente, para nos tornar mais conscientes, fortes e bons e para nos chamar ao nosso primeiro dever, que é o dever religioso da oração.

Mulheres do passado e do presente

Noticiamos, há dias, os jornais o falecimento de Alexandre Serenelli, o homeem que há sessenta e oito anos, dementado pela paixão carnal, violou e assassinou Maria Goretti a qual porém, antes de morrer, pediu insistentemente que perdoassem ao criminoso.

Detenham-nos por um momento a pensar no procedimento da pequena Maria, uma criança ainda, que vê diante de si um homem que procura atentar contra o seu pudor. Sem ninguém para a defen-

der, ela tentou demove-lo do seu propósito, fala-lhe da enormidade pecaminosa do acto que ele pretende praticar mas Alexandre, ébrio de demoníaco desejo, não se não estende as supplicas da menina, como, para vencer a sua resistência, a cobre de golpes a ponto de lhe provocar a morte, dentro de dias, no hospital. Ao expirar ali, já sussurrado as palavras: — Perdoai ao Alexandre... — dir-se-ia que pela boca da pequenina mártir de Ferriere, nos arredores de Roma,

por: António Soares da Silva

falava Aquele que foi sobretudo caridade e que, dezanove séculos antes, pregado numa cruz no vertice do Golgota pediu: — Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem.

Diz-se que a castidade é a virtude mais bela mas S. Paulo afirmou que, sem a caridade, os outros mouro que, sem a caridade, os outros pouco valem por ser aquela a base e incila das demais. Ambas essas virtudes concorriam em Maria Goretti e foi certamente pelo mérito delas que, apenas decorri dos cinquenta anos sobre a sua morte, ela foi elevada à glória dos altares e, coisas não menos extraordinária, sem dúvida como reflexo dos méritos da Santa, o seu algoz acaba as últimas décadas da sua vida no ambiente de redenção dum convento de capuchinhos!

Em Maria Goretti não sabemos o que mais admirar: a que votou, o seu último pensamento. Ora como este facto ocorreu já no começo deste século, há pessoas suas contemporâneas que ainda fazem parte do número dos vivos e só estas podem avaliar, em toda a sua extensão, a tremenda mudança que, desde então, se operou no mundo. Naquele tempo, se não conside-

(Continua na 4.ª página)

O Direito de ser outro

Revisão de um conceito para uma prática necessária

Chamamos outro, a todo o homem ou agregado humano que na nossa frente se levanta, procurando com afinco linhas de rumo diversas daquelas por nós traçadas para a sua caminhada autónoma através

da existência. Da liberdade e do direito de ser diferente resolvemos falar-vos, tendo em mira acontecimentos de todos os dias. É um facto ter a nossa civilização cristã esquecido o Outro ou por ser mais fraco ou por ser menos culto, no entanto nenhuma como ela tem na sua estrutura o dever de o aceitar. Vejamos pois à luz do Alto este santo dever, esta verdadeira epopeia que é a descoberta dos outros homens.

O Outro para o cristão. Se percorrermos os livros santos numa leitura não muito rápida vemos da parte do Senhor uma preocupação uma quase angústia de nos pôr sobre os olhos todos os outros homens; esta atitude atinge a sua máxima dimensão, quando Ele nos manda amar o próximo como a nós próprios, pondo isso como condição de salvação.

(Continua na 4.ª página)

O fornecimento de água a Vila Verde a Prado e a diversos pontos do Concelho

Está a ser racionado o fornecimento de água à Sede do Concelho. O povo reclama. De Prado perguntaram quando lhes darão um abastecimento ao domicílio.

Pedimos informações ao senhor Presidente da Câmara. Disse-nos que o assunto não estava dependente das suas possibilidades. Foi apresentado um plano geral de abastecimento englobando a Sede, Prado e outras regiões. Foi aprovado

recentemente. Espera que, no próximo ano seja dada a solução do Estado para a primeira fase, que será a construção da elevatória, total abastecimento à Sede e condução da água até Prado.

Depois seguir-se-á o abastecimento a várias freguesias à volta de Vila Verde e Prado. Foi esse plano geral que tem demorado, mas era necessário fazer-se.

Ovo de aço forte

Não, não queiras a tortura
De pensar que na tua vida há turtura.
Não, não vejas nunca, na morte um alívio,
Porque a vida para ti jamais teria sentido
E não passaria duma fatídica existência.
Ah! mas sim, sorri à dor;
Põe-na em ridículo:
E verás qu'ela foge espavorida,
Envergonhada por se ver vencida;
E's aquele ovo partiu
Quando tentavas pô-lo em pé.

Não chores, não chames pela morte,
Constrói outro mais pequeno,
Mas mais sólido,
Com gema de boninas
E casca d'aço forte.

Ah! mas quem fala, Meu Deus, quem fala!...

A. M.

Amemos o Papa...

(Continuação da 1.ª página)

sincera amizade à Itália com a qual mantemos relações diplomáticas há muitos séculos, aliámo-nos, há vinte anos, no seio da N.A.T.O. para defender o mundo ocidental. Entretanto, a Itália facultou-lhes um dos seus muitos palácios, para se reunirem, e ofereceu-lhe a hospitalidade que pretendiam numa capital com prestígio em todo o Mundo. Aí Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e Amílcar Cabral puderam desferir os seus ataques verbais contra Portugal. «Porque nos fez isto? Porque quis ajudar, tão ostensivamente, os piores adversários de um velho e leal amigo seu? Porque feriu tão dolorosamente a enorme maioria dos portugueses? Porque ignorou que são apaniguados de Moscovo e Pequim os homens a quem franqueou as Portas do Palácio dos Congressos? Porque foi, em vez de aliada e amiga, como lhe cumpria, contra o comunismo, inimigo a favor dele?».

Estas perguntas bem exploradas é que gostaríamos de vez formuladas nos jornais portugueses. Não houve palavras

contra o governo italiano, mas somente contra o Papa: quando é necessário atacar a Igreja estamos todos de acordo. E falamos em nome dos católicos, e da juventude... Mas ninguém lhes passou delegação! Pois é necessário realmente que os católicos abram os olhos e em matéria política vamo-nos convencendo que não há dogmática...

Mendes Pardal

O direito de ser outro

(Continuação da 1.ª página)

Mas reparemos que os Outros não podem ser tratados apenas sob o aspecto individual (isso é bom, mas é somente o começo) eles devem ser vistos na classe económica a que pertencem na raça e na diversa maneira de pensar a organização da sociedade pois também para o homem visto por estes ângulos continua a ser válido o mandamento do Senhor.

Desta primeira parte inferimos portanto duas alíneas dois «outros»

que numa sociedade cristã são elementos basilares.

a) O outro em política. Foi e é diverso modo de se encarar a maneira dos homens estarem em sociedade, no entanto tendo em conta o estado actual das civilizações a Declaração dos Direitos do Homem e a nossa própria experiência histórica parece-nos que numa sociedade cristã o Outro só é reconhecido onde a liberdade de expressão e de associação não sejam mera letra morta.

Diverjamos agora para o campo do trabalho.

b) O Outro em Economia. De pouco valerá aos somens (conforme o atesta o período do regime liberal) ter o poder de exprimir-se e reunir-se livremente se a sua autonomia económica não for um dado de facto.

Por isso enquanto o trabalhador for considerado mais como uma coisa do qual se tenta tirar o máximo lucro em vez de ser visto como um ser que através do seu trabalho recria quotidianamente o

universo em que está inserido (tendo por isso direito a um salário e a uma educação que lhe permita ser autónomo senhor da matéria transformando-a e transformando-se) não se poderá dizer haver sociedade cristã reconhecendo o Outro do trabalhador precisamente porque o prende na mais repugnante das servidões que é a servidão económica.

Pela Alemanha

Longas se me tornaram as palavras, por isso para uma análise mais completa da situação operária e campesina a mais esquecida das esquecidas condições humanas vos remeto para as Encíclicas dos últimos Papas onde se encontra o mínimo que a sociedade cristã deve fazer pelas classes trabalhadoras. Como o cientista que ao descobrir mais uma lei da natureza grita «Eureka» e se delicia com o seu tesouro, assim eu vos proclamo a minha descoberta do Outro, esperando acompanhar-vos no profundo trabalho a que esse achado nos conduz.

Bento António Valadão Vaz

Presas aos cordelinhos que os exploradores da sua vaidade puxam lá dos centros ou empórios da moda, muitas mulheres de hoje não têm outro pensamento senão o de imitar essas ridículas e por vezes até grotescas figuras que o cinema a TV e as revistas da especialidade lhes apresentam como a última palavra sobre a elegância e as regras de vida moderna e deste modo à força de tanta rebuscar e de tanto variar, há mulheres que se tornam criaturas andróginas, que parecem homens sem o serem, sendo mulheres sem o parecerem. Como também há agora o chamado problema do «Sexo» coisa que tem levado «conspicuas» pessoas ao ponto de advogarem o ensino desde a primeira infância dos «segredos» da vida sexual, segundo a regra do pão, pão, queijo, queijo, resulta que muita gente passou a considerar a castidade como anacronismo sem sentido e segundo tal critério muitas mulheres, precavidas resolvem com a celebrizada pilula os seus problemas para não terem como outras de recorrer às chamadas mulheres de virtude ou de terem, como outras ainda que deram largas à natureza, de abandonar sobre qualquer monturo em qualquer recanto o fruto do seu amor sem amor.

Diz-se que no regaço das mãos se fazem os santos e os heróis, nas não, certamente, no regaço daquelas que fumam e bebem descaradamente, que pelo seu vestuário e pelo seu porte, repudiam a sua feminilidade, que têm mais pejo de se vestir do que de se despir, porque destas só pode nascer essa mocidade desorientada, entregue à «contestação, iconoclasta ou militante em cujas mãos tem de esfacelar-se, fatalmente, o mundo de amanhã». Santa Maria Goretti, ro-gai por nós!

Terra natal

Meu cantinho, meu cantinho,
Na Ribeira de Penela.
Tem a graça dum jardim,
Doce encanto de donzela.

Sobranceira se levanta
Lá do Oural a linda serra,
Onde, seu seio cristalino,
O rio Neiva se gera.

Ó rio que vais tão perto,
Meu amigo, meu vizinho,
Es sangue de tantas terras
Que abundam em pão e vinho.

Oural, decantada serra,
É belo ponto estratégico
Que de longe se divisa
Pelo marco geodésico.

Dizem que tem em seu seio
Rico tesouro escondido.
E que já se lavou ouro
Numa fonte de Lourido.

Quantas vezes já escallei
As montanhas desta serra!
Horizonte deslumbrante!
Tanta terra! Tanta terra.

Lá ao longe via o mar,
As ondas em sobressalto.
E navios a correr,
A correr para o mar alto.

Logo em frente eu via Braga,
A Santa Marta e Sameiro.
Para o Norte eu via o monte
Que já de Espanha é fronteiro.

Meu cantinho, meu cantinho,
Meu belo torrão sagrado.
Por ti quero combater,
Combater como soldado.

Arezal

A. S. A.

Do dia mais longo... à noite mais curta

(Continuação)

Em compensação este percurso, ao contrário do da auto-estrada, proporcionou-nos ocasião de passar por inúmeras povoações rurais. Excepção feita de Oswego (de ares de pequena cidade) não passavam de aldeias constituídas muitas vezes, na sua totalidade ou quasi, por grandes «roulottes» definitivamente assentes em dormentes de pedra ou cimento e alinhadas como se se tratasse de construções fixas. Algumas dessas habitações, pelo seu luxo e amplitude (de 10 e mais metros de comprimento) não ficariam mais baratas que muitos prédios das mesmas proporções e comodidades. Em todas estas típicas aldeias, que fazem enfeitar de populações instáveis, não falta a competente rede de distribuição eléctrica, na maior parte das moradias a antena de televisão e no exterior, ligada à cozinha, um botija de gás, de maiores ou menores proporções, conforme a categoria e consumo da habitação.

À margem da estrada, de longe a longe, uma espécie de barraca de madeira, com vasto mostruário e venda de frutas, directamente «oportador ao consumidor». Mas só turistas dispostos a gastar muito dinheiro podem dar por 1 dúzia de vulgares maçãs ou peras o equivalente a 70\$00 e daí para cima mesmo contando com a embalagem da pequena cestinha rústica, que depois se deita fora, é caro... mas onde se ganha muito, também se gasta muito.

Estava a findar a tarde, quando chegamos a Rochester. Descarregadas em casa as malas de roupa e outros utensílios, para poupar às senhoras, depois desta viagem, a

«maçada» da cozinha e mesmo para variar um pouco, fomos jantar ao melhor restaurante junto ao aeroporto comercial da cidade, a sudoeste da dita urbe. Do meu lugar, à mesa, pude observar o enorme tráfego deste aeroporto, pois enquanto lá estivemos não se passavam 5 minutos sem que aterrassse ou deslocasse um «jacto» de passageiros.

Perto deste, há outro campo de aviação chamado o «aeroporto velho» de categoria municipal, para aviões de hélice, de pequenos percursos, para passeios ou treino.

Era já noite, quando recolhemos a «penates», cansados, mas satisfeitos.

Cartas de um soldado...

Cá no Ultramar, a hora mais alta do isolamento em que vivemos, é a hora em que vamos levantar as notícias que nos chegam dos nossos familiares. Se todas as famílias soubessem o gosto que dão aos seus filhos quando lhes escrevem, enviaríamos correspondência todos os dias. As cartas, os livros que recebemos, são lidas uma e outra vez e sempre até a nova correspondência.

Escreve Manuel Lima Durães, do S.P.M. 78-36 que envia também estes versos:

Certos momentos na vida
Cá por nosso ilusão
Andamos por estas terras
A cumprir a comissão.

Nós lutamos dia e noite
Sempre com grande larápia
E todos com muito gosto
De defender nossa Pátria.

Todos nós que cá andamos
Temo-nos de conformar
Estes 24 meses
Temos de cá aguentar.

Então rapazes do Minho
Cá soube uma notícia
Deixastes morrer o Braga
Com a equipa do Boavista

Na tropa ganho dinheiro
E nunca tenho nenhum
Isto não custa nada
Um pouco a cada um.

EM VILA VERDE

No Largo da Fonte do Monte

No dia 2 de Agosto de 1970 às 15 horas

III FESTIVAL

Internacional de Folclore

Com a participação dos seguintes agrupamentos

- Grupo Folclórico de S. Tiago Custóias, Matosinhos
- Grupo Folclórico das Lavradeiras de Parada de Gatim Vila Verde
- Grupo Folclórico da Corredoura — Guimarães
- Grupo Folclórico das Lavradeiras de Oleiros Ponte da Barca
- Rancho Típico Infantil de Vila Verde
- Rancho Danzar de Puente Cesures-Vigo Espanha

Pelo Alívio

Levamos ao conhecimento de todos os devotos deste Santuário que todos os dias de preceito, há aqui missa vespertina às 18 horas.

Este mês de Julho começou bastante receoso, mas fechou com chave de ouro; fechou com a visita do Senhor Presidente da República, que desde o dia dezasseis começou a ser irmão desta confraria.

Na sua visita, do histórico dia 26 foi-lhe oferecido um medalhão em ouro, como prova da admissão como irmão.

Foi um mês muito movimentado.

Não só aos domingos, mas também em vários dias da semana o movimento foi muito considerável.

De destacar o dia 10 e os dias 23, 24, 26 e 27.

Nestes dias, logo nas primeiras horas, apareciam os primeiros romeiros, que, por assim dizem, abriam a série para uns dias.

O domingo de mais movimento foi o dia 21.

Logo, às oito horas, aparecem oito autocarros da freguesia de Monquim, Famalicão.

O seu muito digno pároco celebrou a Santa Missa, deu a Sagrada Comunhão coadjuvado pelo Reitor do Santuário.

Às nove horas, houve a missa dominical do Santuário.

Às 10 horas, começou a Santa Missa para os peregrinos da freguesia de Calendário, que por informações deviam ser mil e tal.

Celebrou o Senhor P.e Coadjutor. O reverendo pároco, no momento próprio, fez uma substancial homilia, que mais foi um sermão alusivo ao local e à finalidade da peregrinação.

Comungaram quase todos os assistentes.

Às onze horas, houve a Santa Missa dominical pois foi muito concorrida.

À tarde, houve a Missa Vespertina que também foi muito concorrida.

Comungaram, neste dia, mais de oitocentos peregrinos.

Este Santuário, não estava habituado a estes movimentos.

Tivemos a visita da Senhora D. Adeline Pereira da Rocha, da Rua de Santa Catarina, Porto, ofereceu dois castiçais em prata.

A companhia de obras continua. O Senhor António da Silva Dantas, de Prado ofereceu 500\$00.

O grande benemérito Senhor Mário da Silva Braga, novamente a oferta de 500\$00.

Bem hajam.